

O AMOR É UMA FALÁCIA

“Max Shulman”

Eu era frio e lógico. Sutil, calculista, perspicaz, arguto e astuto — era tudo isso. Tinha o cérebro poderoso como um dínamo, preciso como uma balança de farmácia, penetrante como um bisturi. E tinha — imaginem — só 18 anos.

Não é comum ver alguém tão jovem com um intelecto tão gigantesco. Tomem, por exemplo, o caso do meu companheiro de quarto na universidade, *Escobar*. Mesma idade, mesma formação, mas burro como uma vaca. Um bom sujeito, compreendam, mas sem nada lá em cima. Do tipo emocional. Instável, impressionável. Pior que tudo, dado a manias. Eu afirmo que a mania é a própria negação da razão. Deixar-se levar por qualquer nova moda que apareça, entregar-se a alguma idiotice só porque os outros a seguem, isso, para mim, é o cúmulo da insensatez. *Escobar*, no entanto, não pensava assim.

Certa tarde, encontrei-o deitado na cama com tal expressão de sofrimento no rosto que o meu diagnóstico foi imediato: Apendicite!

— Não se mexa. Não tome laxativos. Vou chamar o médico.

— Marmota... – balbuciou ele.

— Marmota? – disse eu interrompendo minha leitura.

— Quero um casaco de pele de marmota – gemeu ele.

Percebi que o seu problema não era físico, mas mental.

— Por que você quer um casaco de pele de marmota?

— Eu devia ter adivinhado – gritou ele, dando tapas nas próprias têmporas. — Devia ter adivinhado que eles voltariam com o a moda *boca-de-sino*.

— Como um idiota, gastei todo o meu dinheiro em livros para as aulas e agora não posso comprar um casaco de pele de marmota!

— Quer dizer – perguntei incrédulo – que estão mesmo usando casacos de pele de marmota outra vez?

— Todas as pessoas importantes da Universidade estão. Aonde você tem andado?

— Na biblioteca – respondi, citando um lugar não freqüentado pelas pessoas importantes da Universidade.

Ele saltou da cama e pôs-se a andar de um lado para o outro do quarto.

— Preciso conseguir um casaco de pele de marmota. — Preciso!

— Por quê, *Escobar*? Veja a coisa racionalmente. Casacos de pele de marmota são anti-higiênicos. Soltam pelos. Cheiram mal. São pesados, são feios, são...

— Você não compreende – interrompeu ele com impaciência. — É o que todos estão usando. Você não quer andar na moda?

— Não – respondi sinceramente.

— Pois eu, sim! – declarou ele. — Daria tudo para ter um casaco de pele de marmota.

Tudo!

Aquele instrumento de precisão, meu cérebro, começou a funcionar a todo vapor.

— Tudo? – perguntei, examinando seu rosto com os olhos semicerrados.

— Tudo! – confirmou ele, em tom dramático.

Alisei o queixo, pensativo. Eu, por acaso, sabia onde encontrar um casaco de pele de marmota. Meu pai usara um nos seus tempos de estudante; estava agora dentro de um baú, no sótão de nossa casa. E, também, por acaso, *Escobar* tinha algo que eu queria. Não era dele, exatamente, mas pelo menos ele tinha alguns direitos sobre ela. Refiro-me à sua garota, *Capitu*.

Eu há muito desejava *Capitu*. Apresso-me a esclarecer que o meu desejo não era de natureza emotiva. A moça, não há dúvidas, despertava emoções, mas eu não era daqueles que se deixam dominar pelo coração. Desejava *Capitu* para fins engenhosamente calculados e inteiramente cerebrais.

Cursava eu o primeiro ano de Direito. Dali a algum tempo estaria me iniciando na profissão. Sabia muito bem do papel da esposa na vida e na carreira de um advogado. Os advogados de sucesso, segundo minhas observações, eram quase sempre casados com mulheres bonitas, graciosas e inteligentes. Com uma única exceção, *Capitu* preenchia perfeitamente a todos esses requisitos.

Era bonita. Suas proporções ainda não eram clássicas, mas eu tinha certeza de que o tempo se encarregaria de fornecer o que faltava. A estrutura básica estava lá. Graciosa também era. Por graciosa, quero dizer, cheia de graças sociais. Tinha o porte ereto, a naturalidade no andar e a

elegância que deixavam transparecer a melhor das linhagens. À mesa, suas maneiras eram finíssimas. Eu já vira *Capitu* na cantina da Faculdade comendo a especialidade da casa – um sanduíche que continha pedaços de carne assada, óleo, castanhas e repolho – sem nem sequer umedecer os dedos.

Inteligente ela não era. Na verdade, tendia para o lado oposto. Mas eu confiava em que, sob minha tutela, haveria de tornar-se brilhante. Pelo menos, valia a pena tentar. Afinal de contas, é mais fácil fazer uma moça bonita e burra ficar inteligente do que uma moça feia e inteligente ficar bonita.

— *Escobar* – perguntei — Você ama *Capitu*?

— Acho-a uma boa garota – respondeu – mas não sei se chamaria isso de amor. —

Por quê?

— Você – continuei – tem alguma espécie de arranjo formal com ela?

— Quero dizer, vocês saem exclusivamente um com o outro?

— Não. Nos vemos seguidamente, mas saímos os dois com outros também. — Por

quê?

— Existe alguém – perguntei – algum outro homem de quem ela goste de maneira

especial?

— Que eu saiba não. — Por quê?

Fiz que sim, com a cabeça, satisfeito.

— Em outras palavras, a não ser por você, o campo está livre, é isso?

— Acho que sim, bolas. — Aonde quer chegar?

— Nada, nada. – respondi com inocência, tirando minha mala de dentro do armário.

— Onde é que você vai? – quis saber *Escobar*.

— Passar o fim de semana em casa.

Atirei algumas roupas dentro da mala.

— Escute. – disse *Escobar*, apegando-se com força ao meu braço – em casa, será que você poderia pedir dinheiro ao seu pai e me emprestar para comprar um casaco de pele de marmota?

— Posso até fazer mais do que isso. – respondi, piscando o olho misteriosamente. Fechei a mala e saí.

— Olhe – disse a *Escobar*, ao voltar na segunda-feira de manhã. Abri a mala e mostrei o enorme objeto cabeludo e fedorento que meu pai usara ao volante do seu *Maverick* em 1975.

— Santo Pai! – exclamou *Escobar*, com reverência. Mergulhou as mãos no pêlo do casaco, e depois o rosto.

— Santo Pai! – repetiu umas quinze ou vinte vezes.

— Você gostaria de ficar com ele? – perguntei.

— Sim! – gritou ele, apertando a coisa sebosa contra o peito. Em seguida, seus olhos tomaram um ar precavido. — O que você quer em troca?

— A sua garota – disse eu, não desperdiçando as palavras.

— *Capitu*? – sussurrou *Escobar*, horrorizado. — Você quer a *Capitu*?

— Isso mesmo... Ele jogou o casaco para longe. — Nunca! – declarou resolutamente.

Dei de ombros. — OK. Se você não quer andar na moda, o problema é seu...

Sentei numa cadeira e fingi que lia um livro, mas continuei espiando *Escobar*, com o rabo dos olhos. Era um homem partido em dois. Primeiro olhava para o casaco, com a expressão de uma criança desamparada à vitrine de uma confeitaria. Depois dava-lhe as costas e cerrava os dentes, altivo. Depois, voltava a olhar para o casaco, com uma expressão ainda maior de desejo no rosto. Depois, virava-se outra vez, mas agora sem tanta resolução. Sua cabeça ia e vinha, o desejo ascendendo, a resolução descendendo. Finalmente não se virou mais; ficou olhando para o casaco com pura lascívia.

— Não é como se eu estivesse apaixonado por *Capitu* – balbuciou. – ou mesmo a namorando, ou coisa parecida.

— Isso mesmo – murmurei.

— Afinal, *Capitu* significa o que para mim, ou eu para ela?

— Nada. – respondi.

— Foi uma coisa banal. Nos divertimos um pouco, só isso...

— Experimente o casaco – disse eu.

Ele obedeceu. O casaco cobria as orelhas e caía até os sapatos. Ele parecia um monte de marmotas mortas.

— Serve perfeitamente. – disse ele contente.

Levantei da cadeira e perguntei, estendendo a mão: — Negócio feito?

— Feito. — disse ele engolindo em seco e apertando a minha mão.

Saí com *Capitu* pela primeira vez na noite seguinte. O primeiro programa teria o caráter de uma pesquisa preparatória. Eu desejava saber o trabalho que me esperava para elevar a sua mente ao nível desejado. Levei-a para jantar.

— Puxa, que jantar bacana! — disse ela, quando saímos do restaurante.

Fomos ao cinema.

— Puxa, que filme bacana! — disse ela, quando saímos do cinema.

Levei-a para casa.

— Puxa, foi um programa bacana. — disse ela ao me desejar boa noite.

Voltei para o quarto com o coração pesado. Eu subestimara gravemente as proporções da minha tarefa. A ignorância daquela moça parecia aterradora. E não seria o bastante apenas instruí-la. Era preciso, antes de tudo, ensiná-la a pensar. O empreendimento se me afigurava gigantesco, e a princípio me vi inclinado a devolvê-la a *Escobar*. Mas aí comecei a pensar nos seus dotes físicos generosos e na maneira como entrava numa sala ou segurava uma faca e um garfo e decidi tentar novamente.

Procedi, como sempre, sistematicamente. Dei-lhe um curso de Lógica. Acontece que, como estudante de Direito, eu freqüentava na ocasião aulas de Lógica, e portanto, tinha tudo na ponta da língua.

Capitu — disse eu, quando a fui buscar em nosso segundo programa. — Esta noite vamos até o parque conversar.

— Oh, que bacana! — respondeu ela.

Uma coisa deveria ser dita em favor da moça: Seria difícil encontrar alguém tão bem disposta para tudo.

Fomos até o parque, o local de encontros da Universidade, nos sentamos debaixo de um velho carvalho, e ela me olhou cheia de expectativa. — Sobre o que vamos conversar? — perguntou.

— Sobre Lógica.

— Ela pensou durante alguns segundos e depois sentenciou: — Bacana!

— A Lógica — comecei, limpando a garganta — é a ciência do pensamento. Se quisermos pensar corretamente, é preciso antes saber identificar as falácias mais comuns da Lógica. É o que vamos abordar hoje.

— Bacana! — exclamou ela, batendo as palmas de alegria, com a mesma expressão de perspicácia que se esperaria da foca diante de um peixe. Fiz uma careta de desânimo, mas segui em frente, com coragem.

— Vamos primeiro examinar uma falácia chamada *Dicto Simpliciter*.

— Vamos. — animou-se ela, piscando os olhos com animação.

— *Dicto Simpliciter* quer dizer um argumento baseado numa generalização não qualificada. Por exemplo: o exercício é bom, portanto todos devem se exercitar.

— Eu estou de acordo — disse *Capitu*, fervorosamente. — Quer dizer, o exercício é maravilhoso. Isto é, desenvolve o corpo e tudo.

Capitu — disse eu, com ternura — o argumento é uma falácia. Dizer que o exercício é bom é uma generalização não qualificada. Por exemplo: para quem sofre do coração, o exercício é ruim. Muitas pessoas recebem ordens de seus médicos para não se exercitarem. É preciso qualificar a generalização. Deve-se dizer: o exercício é geralmente bom, ou é bom para a maioria das pessoas. Senão, está-se cometendo um *Dicto Simpliciter*. Compreendeu?

— Não. — confessou ela. — Mas isto é bacana. Quero mais. Quero mais!

— Será melhor se você parar de puxar a manga do meu casaco. — disse eu e, quando ela parou, continuei: — Em seguida, abordaremos uma falácia chamada *Generalização Apressada*. Ouça com atenção: você não sabe falar francês, eu não sei falar francês, *Escobar* não sabe falar francês. Devo portanto concluir que ninguém na Universidade sabe falar francês.

— É mesmo? — espantou-se *Capitu*. — Ninguém? — reprimi a minha impaciência..

— É uma falácia, *Capitu*. A generalização é feita apressadamente. Não há exemplos suficientes para justificar a conclusão. Ela sorriu encantadora e retardadamente.

— Você conhece outras falácias? — perguntou ela, animada. — Isso é até melhor do que dançar!

Esforcei-me por conter toda a onda de desespero que ameaçava me invadir. Não estava conseguindo nada com aquela moça, absolutamente nada! Mas não sou outra coisa senão persistente. Continuei...

— A seguir, vem o *Post-Hoc*. Ouça: Não levemos o *Tiririca* conosco ao piquenique. Toda vez que ele vai junto começa a chover.

— Eu conheço uma pessoa exatamente assim. – exclamou *Capitu* — Uma moça da minha cidade: *Carla Perez*. Nunca falha. Toda vez que ela vai junto a um piquenique...

— *Capitu* – interrompi com energia. — É uma falácia. Não é *Carla Perez* que causa a chuva. Ela não tem nenhuma relação com a chuva. Você está incorrendo em *Post-Hoc* se puser a culpa na *Carla Perez*.

— Nunca mais farei isso – prometeu ela contrita. — Você está bravo comigo?

Não *Capitu* – suspirei – não estou bravo.

— Então conte outra falácia.

— Muito bem. Vamos experimentar as *Premissas Contraditórias*. Se Deus pode fazer tudo, pode fazer uma pedra tão pesada que Ele mesmo não conseguirá levantar?

— É claro – respondeu ela imediatamente.

— Mas se Ele pode fazer tudo, pode levantar a pedra.

— É mesmo – disse ela pensativa. — Bem, então, acho que Ele não pode fazer a tal pedra.

— Mas ele pode fazer tudo – lembrei-lhe.

Ela coçou a sua cabeça linda e vazia.

— Estou confusa – admitiu.

— É claro que está. Quando as premissas de um argumento se contradizem, não pode haver argumento. Se existe uma força irresistível, não pode existir um objeto irremovível. Compreendeu?

— Conte outra destas histórias bacanas – disse *Capitu* entusiasmada.

Consultei o relógio.

— Acho melhor pararmos por aqui. Levarei você para casa, e lá pensará no que aprendeu hoje. Teremos outra sessão amanhã à noite. Depositei-a no dormitório das moças, onde ela me assegurou que a noitada fora realmente bacana, e voltei desanimadamente para meu quarto. *Escobar* roncava sobre sua cama com o casaco de pele de marmota encolhido a seus pés como um enorme animal cabeludo. Por alguns segundos brinquei com a idéia de acordá-lo e dizer que podia ter a sua garota de volta. Era evidente que meu projeto estava condenado ao fracasso. A moça tinha simplesmente uma cabeça à prova de lógica.

Mas logo reconsiderarei. Perdera uma noite, por que não perder outra? Quem sabe se em alguma parte daquela cratera de vulcão adormecido que era a mente de *Capitu* algumas brasas ainda estivessem vivas? Talvez, de alguma maneira, eu ainda conseguisse abaná-las até que flamejassem... As perspectivas não eram das mais animadoras, mas decidi tentar outra vez.

Sentado sob o carvalho, na noite seguinte disse:

— Nossa primeira falácia dessa noite se chama *Ad Misericordiam*.

Ela estremeceu de emoção.

— Ouça com atenção – comecei. — Um homem vai pedir emprego. Quando o patrão pergunta quais as suas qualificações, o homem responde que tem uma mulher e seis filhos em casa, que a mulher é aleijada, que as crianças não têm o que comer, não tem o que vestir e nem o que calçar, que a casa não tem camas, que não há carvão no porão e que o inverno se aproxima.

Uma lágrima desceu por cada uma das faces rosadas de *Capitu*.

— Isso é horrível, horrível! – soluçou.

— É horrível – concordei – mas não é argumento. O homem não respondeu à pergunta do patrão sobre as suas qualificações. Em vez disso, tentou despertar a sua compaixão. Cometeu a falácia do *Ad Misericordiam*. Compreendeu?

— Você tem um lenço? – pediu ela, entre soluços.

Dei-lhe o lenço e fiz o possível para não gritar, enquanto ela enxugava os olhos.

— A seguir – disse controlando o tom da voz – discutiremos a *Falsa Analogia*. Eis um exemplo: Deviam permitir aos estudantes consultarem seus livros durante os exames. Afinal, os cirurgiões levam radiografias para se guiarem durante uma operação, os advogados consultam seus papéis durante um julgamento, os construtores têm plantas que os orientam na construção de uma casa. Por quê, então, não deixar que os alunos recorram aos seus livros durante uma prova?

— Pois olhe – disse ela entusiasmada – essa é a idéia mais bacana que já ouvi por muito tempo!

— *Capitu* – disse eu com impaciência – O argumento é falacioso. Os cirurgiões, os advogados e os construtores não estão fazendo testes para verem o que aprenderam, e os estudantes sim. As situações são completamente diferentes e não se pode fazer analogia entre elas.

— Continuo achando a idéia bacana – disse *Capitu*.

— Bolas! – murmurei. E prossegui, persistente (fazendo meia careta). — A seguir tentaremos a falácia *Hipótese Contrária ao Fato*.

— Essa parece ser boa – foi a reação de *Capitu*.

— Ouça: Se *Madame Curie* não deixasse, por acaso, uma chapa fotográfica numa gaveta junto com uma pitada de *pechblenda*, nós hoje não saberíamos da existência do composto químico que é o Rádio (Ra).

— É mesmo, é mesmo – concordou *Capitu*, sacudindo vigorosamente a cabeça. — Você viu o filme? Eu fiquei louca pelo filme. Aquele *Walter Pidgeon* é tão bacana! — Ele me fez vibrar!

— Se conseguir esquecer o Sr. *Pidgeon* por alguns minutos – disse eu friamente – gostaria de lembrar que o que eu disse é uma falácia. *Madame Curie* poderia ter descoberto o Rádio de alguma outra maneira. Talvez outra pessoa o descobrisse. Muita coisa poderia acontecer. Não se pode partir de uma hipótese que não é verdadeira e tirar dela qualquer conclusão defensável.

— Eles deveriam botar o *Walter Pidgeon* em mais filmes – disse *Capitu*. — Eu quase não o vejo no cinema.

— Mais uma tentativa, decidi. Mas só mais uma. Há um limite ao que o homem pode suportar.

— A próxima falácia é chamada *Envenenar o Poço*.

— Que bonitinho! Deliciou-se *Capitu*.

— Dois homens vão começar um debate. O primeiro de levanta e diz: “meu oponente é um mentiroso conhecido. Não é possível acreditar numa só palavra do que ele disser.” Agora, *Capitu*, pense bem. O que está errado?

Vi-a enrugar a sua testa cremosa, concentrando-se. De repente, um brilho de inteligência – o primeiro que eu vira – surgiu em seus olhos.

— Não é justo! Disse ela com indignação — Não é nada justo. Que chance tem o segundo homem se o primeiro diz que é um mentiroso, antes mesmo dele começar a falar?

— Exato! – gritei exultante – Cem por cento exato! Não é justo. O primeiro homem envenenou o poço antes que os outros pudessem beber dele. Atou as mãos do adversário antes da luta começar. *Capitu*, estou orgulhoso de você.

— Ora – murmurou ela, ruborizando de prazer.

— Como vê, minha querida, não é tão difícil. Só requer concentração. É só pensar, examinar, avaliar. Venha, vamos repassar tudo que aprendemos até agora.

— Vamos lá – disse ela, com um abano distraído de mão.

Animado com a descoberta de que *Capitu* não era uma cretina total, comecei uma longa e paciente revisão de tudo o que dissera até ali. Sem parar, citei exemplos, aponte falhas, martelei sem dar tréguas. Era como cavar um túnel. A princípio, trabalho, suor e escuridão. Não tinha idéia de quando veria a luz, ou mesmo se a veria. Mas insisti. Dei duro, perfurei até com as unhas, e finalmente fui recompensado. Descobri uma fresta de luz. E a fresta foi se alargando até que o sol jorrou para dentro do túnel, clareando tudo.

Levara cinco noites de trabalho forçado, mas valera a pena. Eu transformara *Capitu* em uma lógica, e a ensinara a pensar. Minha tarefa chegara a bom termo. Fizera dela uma mulher digna de mim. Estava apta a ser minha esposa, uma anfitriã perfeita para as minhas muitas mansões, uma mãe adequada para meus filhos privilegiados.

Não se deve deduzir que eu não sentisse amor pela moça. Muito pelo contrário. Assim como *Pigmalião* amara a mulher perfeita que moldara para si, eu amava a minha. Decidi comunicar-lhe dos meus sentimentos no nosso encontro seguinte. Chegara a hora de mudar nossas relações, de acadêmicas para românticas.

— *Capitu* – disse eu – hoje não falaremos de falácias.

— Puxa! – disse ela, desapontada.

— Minha querida – prossegui, favorecendo-a com um sorriso – hoje é a sexta noite em que estamos juntos. Nos demos esplendidamente bem. Não há dúvidas de que formamos um bom par.

— *Generalização Apressada* – exclamou alegremente.

— Perdão – disse eu.

— *Generalização Apressada* – repetiu ela – Como é que você pode dizer que formamos um bom par baseado em apenas cinco encontros?

Dei uma risada, divertido. Aquela criança adorável aprendera bem suas lições.

— Minha querida – disse eu, dando um tapinha tolerante na sua mão – cinco encontros são o bastante. Afinal, não é preciso comer um bolo inteiro para saber se ele é bom ou não.

— *Falsa Analogia* – disse *Capitu* prontamente. — Eu não sou um bolo, sou uma pessoa.

Dei outra risada, já não tão divertido. A criança adorável talvez tivesse aprendido sua lição bem demais.

Resolvi mudar de tática. Obviamente, o indicado era uma declaração de amor simples, direta e convincente. Fiz uma pausa, enquanto meu potente cérebro selecionava as palavras adequadas. Depois comecei:

— *Capitu* eu a amo. Você é tudo no mundo para mim, é a lua e as estrelas e as constelações no firmamento. Por favor, minha querida, diga que será minha namorada, senão minha vida não terá mais sentido. Enfraquecerei, recusarei a comida, vagarei pelo mundo aos tropeções, um fantasma de olhos vazios... Pronto, pensei, está liquidado o assunto.

— *Ad Misericordiam* – disse *Capitu*.

Cerrei os dentes. Eu não era o *Pigmalião*: era o *Frankenstein*, e o meu monstro me tinha pela garganta. Lutei desesperadamente contra o pânico que ameaçava me invadir. Era preciso manter a calma a qualquer preço.

— Bem, *Capitu* – disse eu, forçando um sorriso. – não há dúvidas de que você aprendeu bem as falácias.

— Aprendi mesmo – respondeu ela, inclinando a cabeça com vigor.

— E quem foi que as ensinou a você, *Capitu*?

— Foi você.

— Isso mesmo. E portanto você me deve alguma coisa, não é mesmo, minha querida? Se não fosse por mim, você nunca saberia o que é uma falácia....

— *Hipótese Contrária ao Fato* – disse ela sem pestanejar.

Enxuguei o suor do rosto, já lívido.

— *Capitu* – insisti, com voz rouca – você não deve levar tudo ao pé da letra. Essas coisas só têm valor acadêmico. Você sabe muito bem que o que aprendemos na escola nada tem a ver com a vida.

— *Dicto Simpliciter* – brincou ela, sacudindo o dedo em minha direção.

Foi o bastante. Levantei-me num salto, berrando como um touro.

— Você vai ou não vai me namorar? – trovejei.

— Não, eu não vou – respondeu ela.

— Por que não? – exigí.

— Porque hoje à tarde eu prometi ao *Escobar* que seria a namorada dele.

Quase caí para trás, fulminando por tamanha infâmia. Depois de prometer, depois de fecharmos negócio, depois de apertar a minha mão!

— Aquele rato! – gritei chutando a grama. – Você não pode sair com ele, *Capitu*. É um mentiroso. Um traidor. Um rato.

— *Envenenar o Poço* – disse *Capitu*. — E pare de gritar. Acho que gritar também deve ser uma falácia.

Com uma admirável demonstração de força de vontade, modulei minha voz:

— Muito bem – disse. — Você é uma lógica. Vamos olhar as coisas logicamente.

Como pode preferir *Escobar*? Olhe para mim: um aluno brilhante, um intelectual formidável, um homem com o futuro assegurado. E veja *Escobar*: um maluco, um boa-vida, um sujeito que nunca saberá se vai comer ou não no dia seguinte. — Você pode me dar uma única razão lógica para namorar o *Escobar*?

— Posso, sim – declarou *Capitu*. — Ele tem um casaco de pele de marmota.